

No dia 18 de dezembro de 2003, a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE), organizou uma sessão especial em comemoração aos seus 25 anos de existência. A Prof^a Bernardete Angelina Gatti da Fundação Carlos Chagas foi convidada a proferir uma Conferência sobre a Pós-Graduação em Educação no Brasil. Na impossibilidade de comparecer, enviou o texto da sua Conferência com a seguinte dedicatória: *a todos que compartilham o esforço de levar avante os altos ideais sociais e educacionais*. A Sessão Documento publica na íntegra o texto enviado pela prof^a Bernadete Gatti intitulado: 25 Anos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

173

Marta Maria de Araújo
Editora da Revista Educação em Questão
Márcia Maria Gurgel Ribeiro
Coordenadora do PPGE



25 Anos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Bernardete Angelina Gatti
Fundação Carlos Chagas

Agradecendo o convite a mim feito para comemorar com vocês o aniversário do PPGEd da UFRN, dedico este texto: a todos que compartilham o esforço de levar avante aos mais altos ideais sociais e educacionais (GATTI, 18 dez. 2003).

174 A implantação do Mestrado, e, posteriormente do Doutorado em educação na UFRN, foram indicativos de um movimento social em direção à disseminação mais democrática do conhecimento no país. A luta pela sua instalação foi árdua e, para sua continuidade ela é constante. Esse Programa vem se firmando no cenário nacional, dando contribuição inestimável para a região. Para aquilatar isto, basta olhar para o número de titulados, sua inserção na região, e, para os estudos e pesquisas nele desenvolvidos. O Programa está de parabéns. Não só pelo número de anos de existência que comemora, mas por suas realizações concretas, sua contribuição educacional, social e científica.

Nesta oportunidade, gostaria de fazer algumas considerações sobre o papel da pós-graduação para o futuro próximo. Os vários desafios que agora se colocam à pós-graduação dizem respeito a questões sociais mais amplas, que transcendem os muros do ensino superior. Não que as necessidades qualitativas intrínsecas deste nível de ensino e da pesquisa não sejam grandes e muito importantes. Porém, novas questões vêm sendo trazidas no bojo da história social que viemos construindo nos últimos quarenta anos, as quais merecem consideração.

Ainda se concebem os cursos de mestrado e doutorado para uma elite pensante, para a formação dos pesquisadores por excelência e, por isso, sua expansão é tratada como devendo ser contida, e, sua avaliação centralizada para melhor controle. Quero lembrar que a meta de formação em pesquisa é importante, porém inócua se a seu lado outras formações não



forem desenvolvidas. Nos documentos iniciais de proposição desses cursos, várias funções foram colocadas como parte das atribuições de mestrados e doutorados, as quais foram minimizadas e deixadas de lado, por exemplo, a de formar professores para o ensino superior, o que é muito diferente de formar pesquisadores, embora ambas as formações possam ser convergentes. E, este é um dos desafios que vem sendo colocado à pós-graduação e que se agudizará cada vez mais, o que demandará repensar estruturas e currículos.

Agregando-se, também, às duas finalidades já mencionadas ? formar pesquisadores e professores para o ensino superior ? o objetivo de formar quadros para o trabalho em diferentes nichos sociais, os quais mostram uma demanda clara tanto de profissionais como de setores comunitários, seja pela necessidade de sofisticação de formação ou de aprofundamento e ampliação culturais, a questão da finalidade dos cursos, de seus objetivos, especialmente os de mestrado, começa a tomar contornos que extravasam o âmbito dos laboratórios de pesquisa e da carreira docente no ensino superior.

Na educação, por exemplo, as várias funções nas redes de ensino demandam por essa formação, não como título, mas, como fonte de novas aprendizagens e de formação de novas perspectivas.

O grande dilema a ser enfrentado por mestrados e doutorados é o de abrir-se a novas perspectivas, modalidades curriculares e tipos de discentes, ou, manter-se como área reservada a poucos, com critérios de seletividade definidos segundo um único padrão. Na base deste desafio está a questão de uma perspectiva relativa ao princípio de equidade, como valor social e ético, que se apresenta como fundamental ao futuro das sociedades humanas e até como condição de sustentação de um processo de sobrevivência civilizada.

Estudos e ensaios que discutem a relação entre conhecimento e poder têm sido produzidos com certa intensidade nas duas últimas décadas. Assinalam que uma das transformações que vêm se produzindo nas sociedades avançadas aparece nos determinantes de desigualdades sociais. Entre estes, surge o conhecimento como princípio diferenciador de pessoas e grupos humanos. Deter certos conhecimentos é poder obter vantagens e facilidades no movente mundo atual.

À medida em que as sociedades industriais vão sendo impregnadas por uma sociedade do conhecimento e por ela substituída, considerar as novas formas de produção de desigualdades se faz absolutamente necessário. Uma delas é a posse de conhecimentos, conhecimentos que são base para



formas de agir, conhecimento que está na base de ações que podem trazer melhores condições de acesso a bens sociais valorizados.

Contemporaneamente, e nos anos vindouros, cada vez mais o acesso e o domínio de conhecimentos relevantes socialmente associam-se a domínio de linguagens, ciências, tecnologias, domínio de estruturas que regulam direitos e relações de diferentes naturezas. Nesse âmbito não só a escolarização básica e superior das pessoas entra em jogo, como a pós-graduação, na medida mesma da sofisticação das sociedades, dos tipos de conhecimento e suas formas de produção, e dos recursos necessários à sobrevivência humana.

O sistema de pós-graduação hoje deverá ser merecedor de profundas alterações na direção de abertura de oportunidades de acesso ao conhecimento que aí pode ser oferecido a diferenciados segmentos sociais. Este nível formativo começa a ser requisitado a oferecer respostas a curto prazo a pressões que não tardarão a mostrar-se com força, entre elas a das condições de sobrevivência humana e da qualidade de vida e das relações sociais. Mas, não somente.

Na perspectiva de quem defende a construção de uma sociedade mais igualitária, a forma como hoje vem sendo desenvolvida a pós-graduação deve sofrer algumas mudanças radicais. As concepções dominantes hoje estão entrando em crise. Os contrastes entre conhecimento científico, conhecimento ético e equidade social deverão ser merecedores de uma ampla e pública discussão, se os que atuam neste nível de ensino desejarem ser partícipes das transformações que despontam nos horizontes sociais.

Esta participação será essencial na medida em que se reconhecer que mestrados e doutorados devem estar envolvidos com uma *ética da vida* que implique a superação de processos que alimentam a excessiva desigualdade entre pessoas e grupos. Isto conduz à necessidade de rearticulação dos domínios do conhecimento com a responsabilidade social.

Um novo tipo de consciência humano-social-científica será requerida para encaminhar estas transformações. Certamente os atores desta transformação serão as pessoas que possuem sensibilidade ao social e, que, por isso, se preocupam com a falta de equidade social e incorporam positivamente os avanços da nova etapa civilizatória.

Faço votos que este Programa de Pós-Graduação em Educação e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte tenham essa sensibilidade e que se voltem para a construção do futuro e não para o endurecimento do já estabelecido.